

VESTIBULAR

PSICÓLOGOS RECOMENDAM
TRANQUILIDADE A QUEM VAI
FAZER PROVA DA UNB AMANHÃ

4

CIDADES

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, quinta-feira, 22 de junho de 2000

POLÍCIA

DE SÁBADO A QUARTA-FEIRA,
SETE PESSOAS FORAM SE-
QÜESTRADAS EM BRASÍLIA

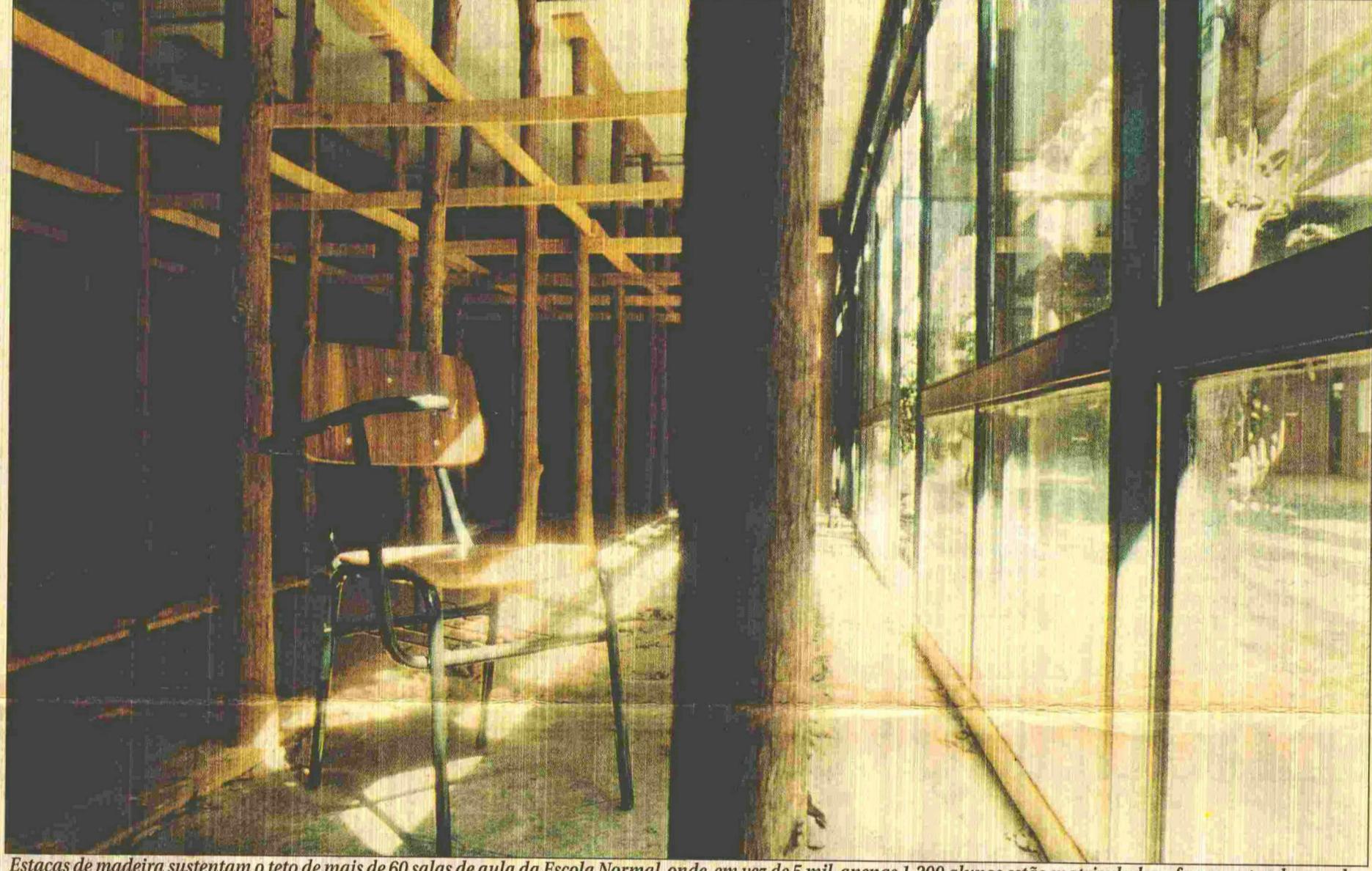
5

DF - educação

GDF USA DINHEIRO DE REFORMA DE COLÉGIOS PARA CUSTEAR DESPESAS ADMINISTRATIVAS

ESCOLAS SEM VERBA

Fotos: Carlos Vieira



Estacas de madeira sustentam o teto de mais de 60 salas de aula da Escola Normal, onde, em vez de 5 mil, apenas 1.200 alunos estão matriculados e frequentando as aulas

O prometido é que nenhum aluno deixe de estudar por falta de sala de aula na rede pública. Mas, ao mesmo tempo em que anuncia a reforma de duas escolas e a construção de outras 17 até 2001, o Governo do Distrito Federal (GDF) publica o Decreto 21.101, que cancela obras urgentes para 60 escolas públicas. Pelo decreto, R\$ 14,2 milhões destinados no orçamento a reparo, construção e ampliação de escolas foram transferidos para despesas de custeio da própria Secretaria.

A quase totalidade do crédito suplementar movimentado pelo decreto, no valor de R\$ 15,1 milhões, foi obtido com o corte da verba prevista para obras nas escolas. Apenas 6% têm como origem "superávit financeiro, apurado em balanço patrimonial", como diz o decreto. A diretora-executiva da Fundação Educacional, Maristela de Melo Neves, nega que a verba transferida será usada em custeio. "Não vamos pegar dinheiro de obra para fazer outra coisa que não seja obra", garante.

No entanto, o leque de verbas extras — relacionado no Diário Oficial de segunda-feira, 19 de junho — mostra claramente que o crédito suplementar foi obtido graças ao cancelamento das obras. Ou seja, escolas deixarão de ser construídas ou reformadas para que sobrem recursos para de material de consumo, por exemplo. "Não sei exatamente o que será comprado com essa suplementação, mas é corte que é adequação no orçamento para a manutenção das escolas", diz ela, dando como exemplos giz e material de expediente.

Pior para alunos e professores, que contavam com a reforma das salas de aula ainda este ano. A decepção foi grande, por exemplo, no Centro de Ensino Gesner Teixeira, que fica no DVO — um bairro do Gama onde as ruas asfaltadas têm nomes de flores. Na escola mal iluminada e suja, estudam 2.750 alunos. A situação

"A gente tem de perambular



A professora Regina Lélis e os alunos: refugiada no "laboratório"

da escola, na opinião dos funcionários, é de lástima total. "Não é possível", espantou-se a assistente de direção, Rosemeire Souza, 29 anos, ao saber que a escola não receberá mais os R\$ 750 mil previstos para a reforma. "São muitos os problemas que temos aqui".

As crianças só têm um bebedouro com água potável para matar a sede. Por isso, o menino não tem receio de deixar a sala correndo e colar a boca na torneira, de onde os faxineiros tiram água para lavar as salas de aula. Os outros bebedouros estão quebrados e viraram recipientes para guardar lixo.

Não é só. O banheiro dos meninos tem cheiro insuportável e vazamento no mictório. Assim como no banheiro coletivo das meninas, onde não há privacidade nenhuma. Sem porta na maioria dos sanitários, a aluna da 4ª série Judite Keila, de 10 anos, confessa, acanhada, que segura o quanto pode a vontade de fazer xixi. "Esta escola é muito feia e desorganizada", diz a menina de cabelos compridos em uma das raras aulas de reforço da professora Regina Aparecida Lelis Oliveira, de 32 anos. É que, além da reforma urgente, a escola precisa ser ampliada.

Problemas também não faltam no Centro Educacional nº 01, no Núcleo Bandeirante. "Há seis anos, a escola não tem água", afirma o diretor Jorge Simas. A tubulação de 20 anos está enferrujada, segundo ele. "O pior dia é depois da aula de educação física, quando temos de beber água da mangueira ou a da torneira, com gosto de ferrugem", reclama o aluno Paulo Taveira, de 17 anos.

Por conta disso, os estudantes fizeram manifestação ontem de manhã. Eles conseguiram suspender as aulas nos três turnos. Depois do protesto, os engenheiros da Secretaria de Educação foram verificar o problema. "O laudo técnico não saiu, mas se for constatado algo de errado com a tubulação, o serviço será feito o mais rápido possível", garante o diretor Odilon de Paula Tavares, diretor da Divisão de Engenharia e Arquitetura da Secretaria de Educação.

A diretora Ana Maria de Lima Fagundes não vê a hora da Escola Normal voltar a funcionar normalmente. A biblioteca, a

cantina, o auditório e mais de 50 salas da ala central da escola estão interditados desde 1998. A ala, entulhada de armários e caixas empoeiradas está bloqueada por tapume e cadeado. As salas abandonadas, que ameaçam desabar, mais parecem uma floresta. Troncos de árvores sustentam a laje com rachaduras.

Mais de 3 mil alunos, de pré-escolar, ensino especial, de ensino fundamental e curso normal, tiveram de deixar em 1998, quando parte do teto de uma sala de aula desabou. Em 1999, os alunos transferidos para outros espaços provisórios, transformados em sala de aula, puderam voltar. Muitos, no entanto, acabaram procurando outras escolas. "Estamos funcionando com 30% da capacidade da escola", lamenta a diretora.

A Escola Normal de Brasília tem hoje cerca de 1.200 alunos. Se todas as salas de aulas estivessem funcionando, porém, mais de 5 mil estudantes poderiam estar matriculados. No próximo mês deve ser aberto o processo de licitação para escolher a empresa que ficará responsável pela obra. A reforma na Escola Normal, numa área de 12 mil m², custará por R\$ 3 milhões. Bem mais caro do que a reconstrução da Escola

Classe nº 7, no Assentamento Vederas, em Brazlândia.

No final do governo passado, os alunos tiveram de ser retirados às pressas da escola, que ameaçava desabar. Construída com placas de cimento, com vida útil de, no máximo, 8 anos, o prédio serviu como escola por 11 anos. A reforma está orçada em R\$ 784 mil e a previsão da obra é de oito meses. Em outro ponto do Distrito Federal, no Recanto das Emas, Eliane Pereira Guedes, de 9 anos, aluna da 3ª série da escola de madeirite, da quadra 801, sonha com a escola nova, de cimento e tijolo.

"Sempre quis estudar numa escola de tijolo. A minha é muito feia", diz a menina. O Centro de Ensino 801, onde Eliane estuda, tem 20 salas de aula e foi inaugurado em 16 de março de 1999 para não deixar crianças do Recanto das Emas sem estudar. A construção precária, de madeirite e telhas de amianto, não foi feita para durar. A escola definitiva, na quadra 802, deve ficar pronta antes do final do ano. Outras crianças, no entanto, vão precisar aguardar bem mais tempo para ter orgulho de estudar em uma escola que achem bonita e ofereça condições mínimas.

■ Colaborou: Luciana Monteiro

OBRAS ADIADAS

Escola	Valor R\$
Reforma geral da Escola Parque 304 Norte	450 mil
Reforma geral e ampliação do Centro de Ensino Vargem Bonita, Núcleo Bandeirante	723 mil
Construção de Escola Classe em Sobradinho	828 mil
Construção de Escola Classe no Setor Sudoeste, Cruzeiro	920 mil
Reforma geral do Centro de Ensino Gesner Teixeira, no Gama	750 mil
Reforma parcial e ampliação do Centro de Ensino da Quadra 306, Recanto das Emas	240 mil
Reforma geral e ampliação da Escola Classe 403, Samambaia	554 mil
Construção de Centro de Ensino em Águas Claras, Taguatinga	920 mil
Reforma geral e perfuração de poço artesiano na Escola Classe Curral Queimado, Planaltina	170 mil

145 das 622 precisam de obras

O diretor de engenharia e arquitetura da Fundação Educacional, Odilon de Paula Tavares, disse ontem que das 622 escolas públicas do Distrito Federal, 145 precisam de reformas. "Cerca de 20% estão em situação tão crítica que precisam praticamente ser reconstruídas", afirma. Para deixá-las em bom estado, o GDF precisaria de R\$ 68 milhões. Dinheiro inexistente no caixa. "O recurso depende de arrecadação e não sabemos quando vem."

Enquanto isso, até mesmo as obras previstas para este ano são canceladas. "Infelizmente, surgem emergências e obras precisam ser adiadas." Um exemplo, segundo Odilon Tavares, é a reforma do Caic Albert Sabin, em Santa Maria. Verba extra de R\$ 27 mil teve de ser extraída do caixa do GDF para reforma urgente de cinco salas de aula, interditadas. "Houve infiltração na caixa d'água e a fundação da obra cedeu", explica o engenheiro.

Apesar de obras urgentes em dezenas de escolas públicas, a Secretaria de Educação não abre mão do compromisso de construir cinco centros de ensino e 12 escolas-classe, no Recanto das Emas, Planaltina, Santa Maria e Samambaia. A justificativa é de que são áreas de expansão urbana, com necessidade de novas escolas. Este ano, houve aumento de 9% no número de matrículas no ensino médio e 40% na educação infantil.

"Os problemas existem, mas não deixamos e nem vamos deixar ninguém sem vaga", afirma a diretora do Departamento de Planejamento da Secretaria de Educação, Dora Viana Manata. As 17 novas escolas novas estão orçadas em R\$ 16 milhões e a orientação é que fiquem prontas para o ano letivo de 2001. Assim como devem estar concluídas até lá, a reforma na Escola Normal de Brasília, na 907 Sul, e na Escola Classe 7, na zona rural de Brazlândia.